

953 — UM MILÉNIO DE EXISTÊNCIA — 1953

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DE GUIMARÃES E O DE MAIOR EXPANSÃO NO CONCELHO

Notícias de Guimarães

ANO 22.º N.º 1127

GUIMARÃES, 15 de Agosto de 1953

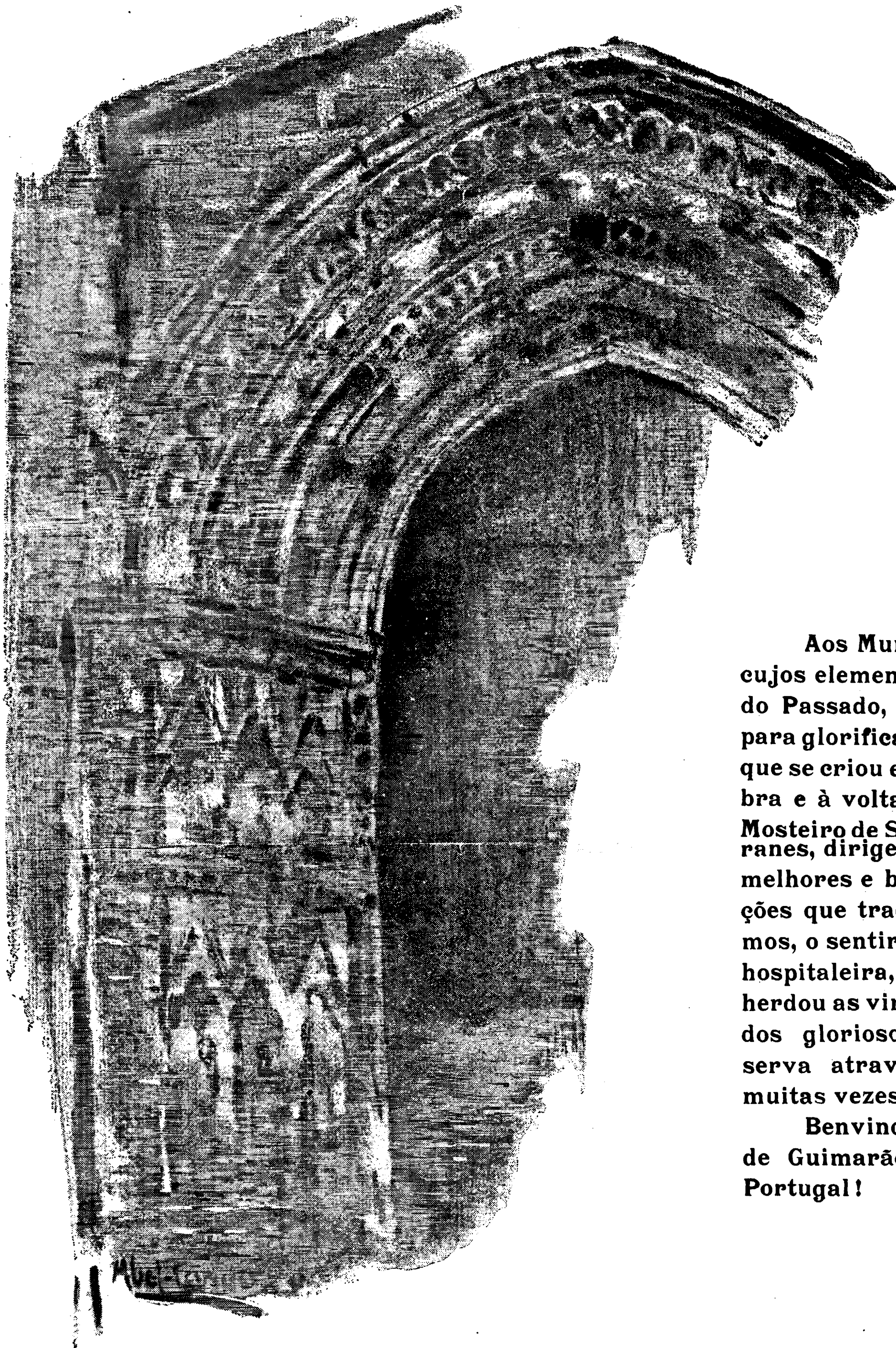
Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-R Tel., 4318

Comp. e Imp., *Tip. Ideal*, Tel., 4381

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



Aos Municípios de Portugal cujos elementos, quais Romeiros do Passado, aqui vieram agora para glorificar a Milenária Terra, que se criou e engrandeceu à sombra e à volta do velho e notável Mosteiro de Santa Maria de Vimaranes, dirige este jornal as suas melhores e bem efusivas saudações que traduzem, nós o sabemos, o sentir de toda esta gente, hospitaleira, crente e leal, que herdou as virtudes de antepassados gloriosos e as sente e conserva através de tradições muitas vezes seculares.

Benvindos sejam à Terra de Guimarães os Municípios de Portugal!

MIRAGENS...



S. EMINENCIA O SENHOR CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA
D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA
CIDADÃO HONORÁRIO DE GUIMARÃES, QUE HOJE
VISITA ESTA CIDADE, PRESIDINDO ÀS FESTAS DO
ENCERRAMENTO DO MILENÁRIO

NO ENCERRAMENTO

Como sempre, Guimarães cumpriu. Nada a mais, nada a menos.

Há quem prometa e não cumpra, há quem badale ensurdecidamente, anunciando coisas fantásticas, e nada realize de harmonia com essa espécie de esforço de garganta que ingloriamente se perde no espaço. Guimarães, pelo contrário, modesta no anunciar, é sempre grandiosa e quase incomparável quando chega o momento de pôr em prática o programa que traçou.

Diga-se, embora, que é vitupério o elogio em boca própria. Que importa o adágio, se a verdade é que cumprimos rigorosamente o que prometemos e marcamos assim uma posição a todos os respeitos digna de registol

As festas, que em breve ter-

ão ecoado tão longe que só temos motivo para nos sentirmos envidados e profundamente satisfeitos.

Tinha de ser deste modo. As razões que determinaram a realização dos festivais que agora findam, eram de ordem a impor certa grandiosidade às manifestações da nossa alegria, que o mesmo é que dizer à exteriorização dos nossos sentimentos em franca vibração e acentuada concordância com o alto significado do acontecimento.

Há coisas que têm de correr parelhas, sob pena de alguma delas cair em lamentável demérito.

Quanto vieram à nossa terra levaram sem dúvida grata recordação do que viram e observaram. — Que não é vulgar passarem-se horas tão agradávelmente em qualquer localidade de importância igual à nossa.

E puderam verificar o que somos e o que valemos, a despeito de alguns senões que o tempo e um pouco de coragem, temperada por uma relativa independência que todos os homens de boa-vontade podem

alcançar, se quiserem, não-de certamente extinguir.

São exactas as nossas afirmações no tocante a todos os detalhes das comemorações levadas a efeito. E até no campo cultural, parte a mais brilhante e essencial do programa posto em execução, se evidenciou a nossa tendência, que muitos ignoravam, para a realização duma vasta obra de pujante e valioso merecimento.

Escrevemos, assim, nas páginas da nossa história, um formoso capítulo revelador de múltiplo engenho, que abrange várias facetas da actividade, nobre e altiva, que um povo é capaz de atingir e que o coloca em lugar de destaque no conjunto que forma a sociedade portuguesa. Vibrámos em uníssono, como sinfónica orquestra constituída por mestres que primorosamente executam

Não houve discrepâncias, nem podia havê-las, porque o jeito era igual, razado como uma medida que se quer exacta, nem mais nem menos, e o entusiasmo afectuoso irrompeu delirante até mais não poder ser.

La neste élan sem par o grande amor à nossa terra e o desejo fremente de mostrar aos que nos visitavam que somos já um aglomerado digno de toda a atenção.

No encerramento deste passo das efemérides vimeanenses que marcavam datas históricas de vincado relevo, como que vida nova se enceta, para uns esperanças ainda, para outros de luz já atenuada, prestes a extinguir-se.

Cumpra por isso que acentuemos com firmeza e verdade o que fizeram os homens deste tempo para celebrar tais datas, porque a história há-de fazer-se de ecos que se desprendem das notícias dadas à luz no decurso dos factos a que fazem referência.

E é consolador assinalar que se fez o possível para que ficasse bem patente que a nossa terra se sentiu deveras satisfeita, mesmo radiante, por al-

ESCREVEMOS nestas colunas que as comemorações do Milenário e do Centenário teriam projecção nacional. E assim aconteceu. As realidades históricas impunham que assim acontecesse. Aqui nasceu Portugal — e este facto obrigava a um exame retrospectivo, a uma observação de princípios.

Guimarães é uma terra cheia de história, uma história que vem desde os alvares, alicerçada em cometimentos que fizeram a glória de Portugal.

Tinha que meditar-se nisto. Disse um ilustre orador «que onde estiver um bom vimeanense deve de estar um bom português». Daqui irradiou a esperança e a grandeza da Pátria. Aqui ganhou corpo o anseio do imperialismo que depois se agigantou e foi até ao domínio dos mares e das selvas misteriosas. Assim se desenhóu uma personalidade rática, verdadeiramente inconfundível, até única no mundo. Assim se fez a sua grandiosidade. O fanal acendeu-se aqui — e aqui existe a chama dos tempos primeiros.

Guimarães merecia que o País inteiro compreendesse deste modo a sua hegemonia histórica. E o país assim compreendeu, com a enternecida homenagem dos seus Municípios à Terra vimeanense.

Acabam as festas. Guimarães, coisa do seu passado, tem de demandar, corajosamente, os grandes horizontes do futuro.

Que não a desamparem — Deus e os homens.

* * *

O povo, com a sua presença, com os seus movimentos, com o seu idealismo, inspira e realiza historicamente os momentos definitivos na vida das Nações.

Depois da morte de D. Fernando, o Rei que pensou e fez, com admirável visão, a *Lei das Sesmarias*, que o podia tornar notável na política de fomento agrícola, desenharam-se núvens pressagas para a independência de Portugal.

Mas aquele gesto de resoluteza e insubmissa rebeldia de D. João, ao entrar no Paço, gesto que custou a vida ao conde de Andeiro, teve o apoio, o entusiasmo, a esperança e a fé do povo, que logo aclamou o Mestre da Ordem de Aviz «Regedor e Defensor do Reino».

Com o seu espírito de revolução da Pátria, o povo determinou a latitude dos acontecimentos, iluminou as rotas dos seus destinos, inspirou designios de eternidade, ofereceu hosanas de grandeza.

* * *

O Mestre de Aviz sentiu as ansiedades da Pátria e foi a figura suprema numa hora de

cançar idade já avançada e que está no propósito de continuar desassombadamente a progredir.

Não foi simples meteoro ou efémero fenómeno o que brilhou durante muitos dias no berço de Portugal; foi, sim, uma forte e duradoura revelação de qualidades de trabalho, de amor pátrio, de inteligência e de ardente desejo dum povo em se elevar no conceito de quantos até nós acorreram para ajuizarem das nossas faculdades.

E o triunfo foi completo e certificado pela voz de estranhos, que unanimemente manifestaram a sua admiração por tudo o que se levou a efeito nesses dias memoráveis. — R.

angústias e de incertezas. Mas ao seu lado ganhou fulgor e sublimidade «a mais gentil figura da época» — Nun'Alvares Pereira, que rompeu com os interesses da nobreza, tão perigosa e tão astuta, de «mentalidade feudal» — nobreza que girava, que se movia, por conveniência de privilégios, na órbita de Castela e da Rainha.

Grande português pelo amor da Pátria, extraordinário estrategista pela «nova tática» de guerra que criou, veio a aureolar-se pela santidade das virtudes e pelo desprendimento que revelou — num mundo que será sempre o mesmo no egoísmo, na ambição, no ódio, nas vaidades estultas e nas retaliações.

Quando D. João I, depois da luta jurídica e eloquente de João das Regras, nas Cortes de Coimbra, foi aclamado Rei de Portugal, em 6 de Abril de 1385, Nun'Alvares surge como Condestável do Reino. E nesse mesmo ano, a 14 de Agosto, o herói dos Atoleiros escreve uma nova página de heroísmo em Aljubarrota, a batalha vitoriosa que acaba de se comemorar nesta cidade.

Diz-nos um ilustre historiador que o Condestável estava em Guimarães, com D. João I, quando o Rei de Castela se lançou em nova invasão.

E acrescenta:

«O exército português compunha-se de pouco mais de 6.000 homens, a maior parte *peões*, fornecidos pelos conceelhos, e um troço de *frecheiros* ingleses. Na vanguarda, Nun'Alvares. Com D. João de Castela vinham cerca de 40.000 homens, e a flor da cavalaria castelhana, a melhor da Europa. Como ele vinham também as primeiras bombardas, os *trons*, pouco mortíferos, de certo, mas de grande efeito moral, pela novidade.

Nun'Alvares seguiu a costuma-tática. Esperou o embate castelhano na ponta das lanças, escolhendo posição apropriada, que não permitisse ao inimigo aproveitar a enorme frente que o seu número lhe permitia desenvolver.

Pouco tempo durou o combate. Abatido o pendão de Castela, o pânico apossou-se do exército invasor que fugiu em debandada».

A batalha estava ganha para os portugueses. Era uma luta de consolidação. Era uma pugna talvez decisiva para os destinos de Portugal. Nos campos estavam o heroísmo e a

figura» de português, de soldado e de santo — Nun'Alvares Pereira. A fé e a coragem. O sentimento da Pátria e a chama que abrasa, que queima e glorifica. Designios de Deus!

* * *

Nun'Alvares tinha jurado servir a Pátria enquanto a Pátria precisasse. E serviu-a. E engrandeceu-a.

Depois de Ceuta, o Convento do Carmo recebe a figura bela e mística de Fr. Nuno de Santa Maria.

Alfredo Pimenta considera-o «a figura mais representativa, mais exemplarmente típica do povo português».

Começava, assim, uma vida de santidade íntegra, uma vida que do serviço da Pátria, a quem deu tantos triunfos, passava, definitivamente, para o serviço de Deus!

* * *

A comemoração da batalha de Aljubarrota, integrada nas festas do Milenário, celebrou-se com brilho.

Guimarães oferece, como nenhuma outra terra, um cenário

maravilhoso de grandezas históricas, na realidade evocativa do seu património monumental e na ambiência de arte e de mistério que envolve as pedras seculares de mil epopeias — páginas de vida de gerações que sonharam, sofreram e amaram.

A evocação da batalha de Aljubarrota — expressão de heroísmo e de fé no destemor da luta e na fulgurância do milagre — harmonizou-se com um sentido da história que o tempo não ultrapassa. E não ultrapassa porque aqui nasceu Portugal e Guimarães é a voz do passado, do presente e do futuro da Nação. E' presença e continuidade nos seus destinos.

Sim, porque os Mortos mandam!

Agosto, 1953.

S O U S A M A C H A D O

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes Depositários
WANDSCHNEIDER & C., L.P.A.
R. Cândido dos Reis, 74-2.º
TELEF. Est. 17 Com. 21 404 PORTO



L. 28 de Maio, 78-1.º — Telef. 4510
GUIMARÃES

Para a História de Guimarães

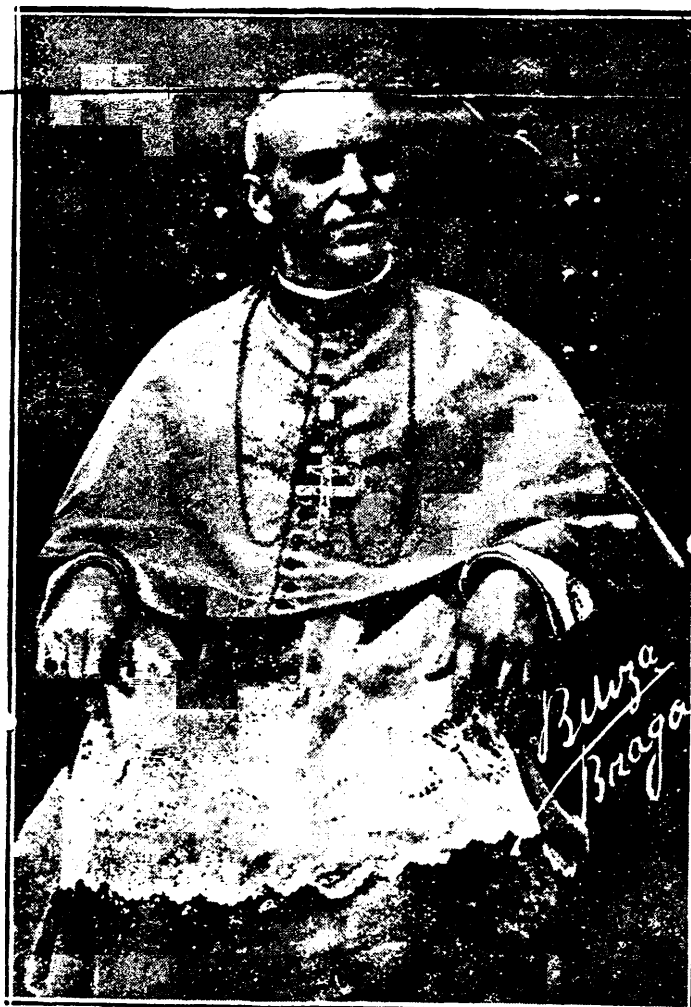
Com as Comemorações do Milenário da Fundação de Guimarães e do Centenário da sua elevação à categoria de Cidade, mais dois factores notáveis serão transmitidos às futuras gerações, as quais verão, através deles, que o brio vimeanense não constitui uma dúvida, mas sim uma realidade. Quer um, quer outro acontecimento ficarão marcados com letras de ouro em novas páginas da Vida desta Terra, páginas que serão numeradas de 22 de Junho a 15 de Agosto do ano de 1953, a primeira data, como início das referidas comemorações e a segunda, como fim das mesmas, período de tempo durante o qual foram postas em honroso relevo vários factores predominantes na vida local, destacando-se o Cultural, o Industrial e o Agrícola. Guimarães viveu, entre as datas citadas, a recordação do passado e patenteou a nacionais e a estrangeiros que o presente não compromete esse passado, assim como o futuro não comprometerá o presente. Pelo país inteiro — e até fora dele — ressoaram os ecos dos mais cativantes Hinos de Glória a Guimarães, quer através da Im-

pressa, quer através de Conferências realizadas por destacadas individualidades.

Num e noutro caso, esta Terra foi exaltada com fervoroso Amor Pátrio, iluminado pela luz que tirou das trevas *novos mundos* e que abriu novos horizontes à própria Civilização.

Guimarães, relicário da Alma Nacional, célula vital de uma Pátria que nunca manchou o caminho da Honra e símbolo de uma raça que estabeleceu fronteiras em todos os Continentes, vive e viverá no coração de todos os Portugueses, porque a imortalidade deles é a vida destes. Por isso, bem hajam os que lhe sabem fazer a devida justiça e, desse modo, colocá-la no Altar da mais arreigada Fé patriótica e venerá-la com ardente e sincera devoção. Com a Fundação de Guimarães, surgiu o Sol nascente de uma série de acontecimentos que tornaram o solo Vimeanense o lugar de onde partiram as primeiras mensagens do advento de um Portugal grande e independente!

V. C. A.



D. ANTÓNIO BENTO MARTINS JÚNIOR
ARCEBISPO PRIMAZ

A FESTA DO PELOTE NO PADRÃO

CÓNEGO GASPAR ESTAÇO em «*Antiguidades de Portugal*», escreve:

«*Em véspera de Nossa Senhora de Agosto se faz uma procissão solene com frades de S. Domingos e S. Francisco, Câmara e povo; e depois que se recolhe, se diz missa e pregação naquele lugar, por memória de El-Rei D. João 1.º, havida em tal dia e se põe ali, em lugar alto, a lança e veste com que ele entrou na batalha.*»

Assim se comemorava o aniversário da batalha de Aljubarrota.

Embora não hajam documentos que nos coloquem esta celebração para além do século XVII, a verdade é que ela deve ter raízes mais fundas, pois que a batalha foi no ano de 1385, e a História salienta a interferência miraculosa de Nossa Senhora da Oliveira — então chamada Santa Maria de Guimarães — nesse memorável prélio de armas, cujo primacial herói foi D. Nuno Alvares Pereira.

Com efeito, D. João 1.º não só foi daqui que partiu para a batalha, como aqui, a Guimarães voltou, para dar louvores à Senhora, ofertando-lhe, além de outras oblatas e presas de guerra, o *pelote* que trazia vestido.

Fernão Lopes escreve na *Crónica Joanina*:

«*Estava El-Rei D. João 1.º em Guimarães, quando... lhe chegou a notícia de que El-Rei de Castela reunia um grande exército para entrar em Portugal...*»

Da romagem piedosa que D. João 1.º fez à Padroeira de Guimarães não faltam referências, sendo a mais destacante um documento notarial datado de 1467, firmado por D. Fernando da Guerra, o prelado bracarense que foi companheiro de armas de D. João 1.º na célebre batalha:

Diz este Arcebispo, de cruz e espada:

«*Deixo as minhas peças de prata e móvel de minha casa à igreja Colegiada de Santa Maria de Guimarães pela muita devoção que tenho, e sempre tive a esta Senhora, pelo muito favor e ajuda que sempre me deu, principalmente na Batalha Real onde muitos a vimos com os nossos olhos, e El-Rei D. João E assim prometeu de vir a pé a sua Casa, e a ela vimos todos e lhe oferecemos muitos dons.*»

Vencida que foi a batalha — chamada Real por que nela entraram os soberanos de Castela e Portugal — foi cumprida a promessa.

Rodeado pelos seus homens de armas, — entre os quais estava o prelado bracarense D. Francisco da Guerra — encaminhou-se D. João 1.º, a pé, à igreja de Nossa Senhora.

Esta romagem, segundo é tradição, se partiu do lugar chamado Miradouro, cujo limite parece poder fixar-se junto à capelinha de S. Lázaro.

Um fantasioso cónego da Colegiada escreveu em 1659 a propósito desta romagem:

«Quando (D. João 1.º) tornou do dito reino de Castela, chegando de Lamula (?) entrando já em seu reino, lhe foi dito:

— «Agora, senhor, sois já em vosso reino. E quando ele isto ouviu, perguntou:

— «Onde se partem os reinos? E lhe foi respondido:

— «Já acolá ficam os marcos divisões, um bom pedaço. E que ele disse:

— «Volta, volta, que dos ditos marcos hei-de ir a pé até a Casa da Senhora. E que assim como disse, assim o fez. Voltando a redea à mula, e tornando até aos ditos marcos das divisões, ali se descavalgou e se desarmou do bacinete e do arnés a fora o loudel, e com ele e com sua lança na mão, veio de pé até à dita igreja, que são trinta léguas, onde outra vez ofe-

vilva... se apeou, e de rodillas lhe ofereceu muitos dons e joias...»

Este descritivo, da pena de um monge escritor, do século XVII, diz-nos que D. João 1.º fez a romagem, de joelhos.

Para comemorar esta outra visita de El-Rei D. João 1.º a Santa Maria de Guimarães,

deixou de realizar-se a procissão. Igualmente deixou de praticar este acto de culto externo a Câmara Municipal de Lisboa a qual, em 1385, «para se comemorar a vitória de Aljubarrota, se instituíram cinco procissões».

São várias as referências à exposição do «*pelote* de El-Rei D. João 1.º, que santa glória haja, em uma lança no padrão».

Esta lança, que os contemporâneos não viram, não podia deixar de ser uma representação simbólica, pois que, se de uma peça de armas autêntica se tratasse, ela se guardaria com o mes-

mo zelo e ufania como se guarda o *pelote*, e mais esse triptico famoso, obra monumental de prataria, que foi — como piamente se acredita — tomado com outras peças sacras ao inimigo na memorável batalha.

Anda no vulgo, e se lhe alimenta a boa-fé, dizendo-se que D. João 1.º não só viera a pé, mas descalço, na citada romagem à Senhora da Oliveira.

A este respeito escreveu Fernão Lopes, na sua *Crónica de D. João 1.º*:

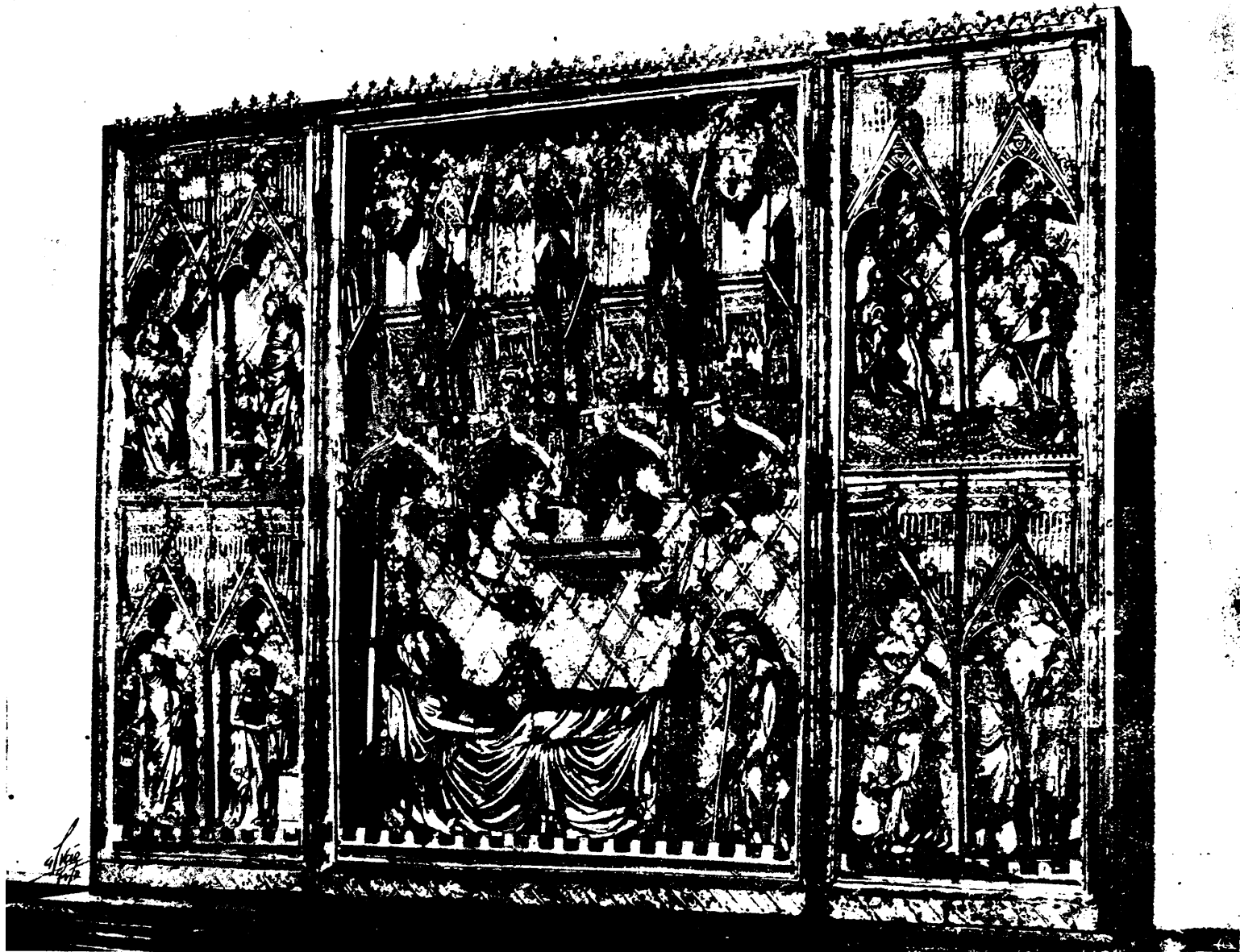
«...Partiu de Santarém para cumprir sua romaria que prometeu ante que entrasse à ba-

talha, a qual era que vencendo-a, como em Deus tinha esperança, que fosse de pé a Santa Maria de Oliveira, que era na vila de Guimarães».

Finalmente:

Tem sido em Guimarães onde a comemoração da batalha de Aljubarrota se há celebrado com mais constância. De tal maneira esta prova cívica se patenteia que, nem mesmo durante o período da dominação filipina, se deixou de celebrar tão faustosa data.

A. L. DE CARVALHO



Altar Castelhana de Aljubarrota em prata dourada e esmalte (Museu Alberto Sampaio)



D. João 1.º orando junto ao Padrão. Baixo-relevo em madeira, no Museu Alberto Sampaio.

receu e deixou o dito loudel e gorjal e lança, que hoje em dia são ali por memória de seu vencimento e devoção...»

Deixemos a fantasia do dignitário da Colegiada, e apreciemos nova referência que diz respeito a outra romagem e voto semelhante, não para agradecer à Senhora o triunfo de Aljubarrota, mas a tomada da Praça de Ceuta:

«...E, porém logo que alcançou esta vitória vindo de Lisboa à nossa cidade (do Porto) e dela partiu a Guimarães; e chegando ao Miradouro, antes desta real

foi levantado em 1863 (?) no lugar de S. Lázaro um padrão.

Pouco depois foi o mesmo monumento transferido a outro lugar, de cujo facto se lavrou um auto camarário, que diz haver sido levantado o padrão «em memória da tomada de Ceuta pelo rei D. João 1.º, e que tinha sido apeado em 20 de Março do ano próximo passado, a fim de se poder levar a eleito o alargamento e reconstrução do mesmo largo de S. Lázaro e rua D. João 1.º, outrora de Entre-os-regatos». Na solenidade do *pelote*

A MEIA HORA HEROICA DE ALJUBARROTA

REFERE o cronista-mor do Reino que a festa heroica de Aljubarrota nam durou espaço de meia pequena hora até mostrar-se de todo ser perdida.

Quer dizer — em trinta minutos decidiram-se os destinos da Península Ibérica, firmando-se, com mais solidez, o trono de Portugal, seriamente ameaçado por naturais cobiças de vizinhos poderosos.

Quanto mais distantes estamos da tarde gloriosa em que se cruzaram as lanças de dois povos mais nos surpreende e esmaga a grandeza moral desses dois rapazes, com mais de vinte anos, que tomaram à sua conta a defesa da soberania e da independência de Portugal.

Realmente não se pode ser insensível ao heroísmo de Nun'Alvares e do Mestre de Avis, jovens de empolgante ardor patriótico, impulsionados pelo misticismo religioso e católico que distingue os feitos mais notáveis das gentes portuguesas.

O episódio militar, em si mesmo, é desconcertante, se não lhe emprestarmos o *suplemento espiritual* que remove montanhas e abala toda a estrutura moral e psíquica do homem.

Continua a escandalizar o nosso raciocínio cauteloso e prudente o entusiasmo frio com que o Condestável avança contra o inimigo poderoso e a quase certeza da vitória final, a despeito da enorme desproporção das forças em campo.

À luz da crítica militar afigura-se uma loucura; à claridade da Fé, tem-se a impressão de que a pertinácia de Nun'Alvares assentava em bases, cujos fundamentos ocultos só ele conhecia.

A batalha feriu-se ao entardecer do dia 4 — véspera da Senhora-de-Agosto, Nossa Senhora da Assunção; os lutadores comungaram e jejuaram — fisicamente enfraquecidos; e moralmente?

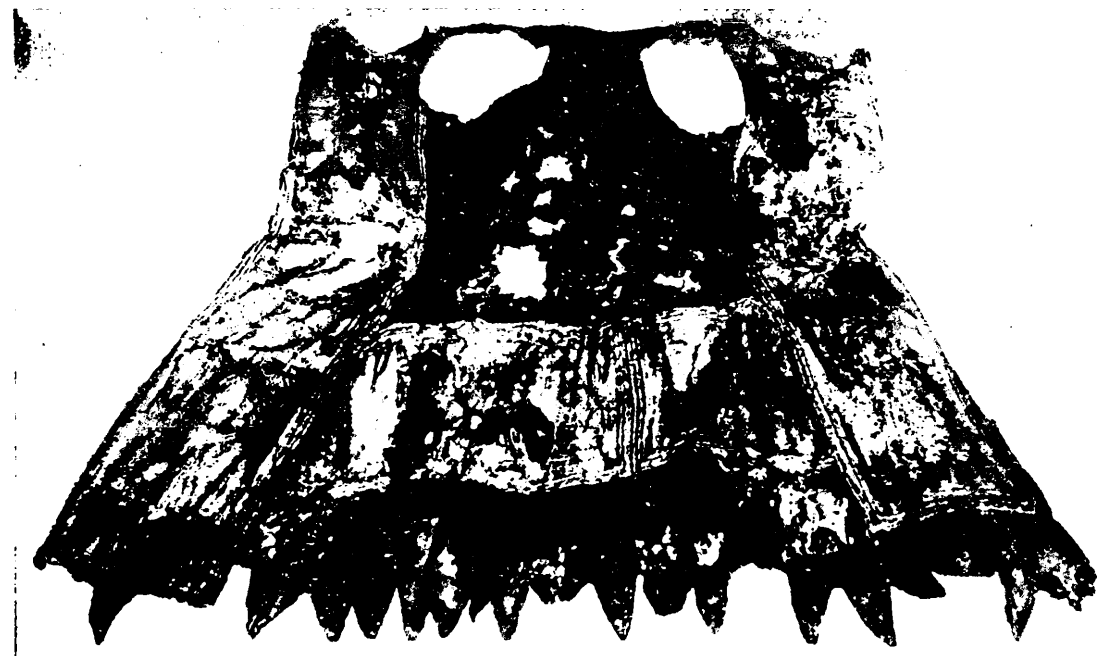
Sob o signo da Virgem, S. Jorge e Portugal entraram em luta, aproveitando a estratégia fulminante do Condestável; esta, com simples mercenários, redundaria numa falência estrondosa, com o lume vivo à frente, a atear outros lumes, foi uma explosão.

E em que amor se consumiam os lumes de Aljubarrota? Precisamente naquele que hoje vemos por aí atraícoados e renegados — o amor de Deus e o amor de Portugal!

Oliveira Martins diz que o Condestável, encerrado no seu fojo, sem se embriagar de vaidade com a vitória, temendo, com razão, uma volta do inimigo no dia seguinte, não desamparou o trabalho da defesa, insistindo no seu plano. Por seu turno D. João I, com Vasco Martins de Melo e outros mais, descansava fora do *arraial*, observando o espectáculo medonho do campo de batalha alastrado de mortos, ouvindo-se ainda, aqui e além, na escuridão da noite, gritos de pelejas, disputando com furor o saque. Cruzava-se no ar o som dos galopes dos cavalos fugindo e à luz dos archotes acesos, em torno do rei vencedor, vogavam sombras de gente correndo...

Alta noite Nun'Alvares veio abraçar o rei à sua tenda levantada, segundo o estilo, sobre o lugar do *arraial* inimigo. Que disseram entre si, que palavras trocaram os dois amigos, os dois fortes esteios da independência? Ninguém o sabe, a história é omissa, mas a intuição patriótica adivinha o colóquio daquelas duas grandes almas lusíadas...

J. M. A.



Pelote brocado, bordado de imaginária, que D. João I usou em Aljubarrota (Museu Alberto Sampaio)

SANTA MARIA

NA HISTÓRIA E NA TRADIÇÃO PORTUGUESA

SANTA MARIA!
Até ao fim da Idade Média, era esta a invocação mais comum e o mais divulgado título da Mãe de Deus. Para exprimir a surpresa por qualquer acontecimento inesperado, exclamava-se: — *Santa Maria!* Para implorar auxílio em momentos de angústia: — *Santa Maria, vale!* Os poetas dedicavam-lhe trovas com o nome de *Cantigas de Santa Maria*. Os livros dos seus devotos chamavam-se *Horas de Santa Maria*. As igrejas que se lhe consagravam, as festas litúrgicas em sua honra, as terras que a tomavam por Padroeira, eram todas de Santa Maria.

Desde os primeiros alvares da nacionalidade, a Virgem Santíssima conquistou com esse título o coração dos portugueses: por isso ele ficou associado para sempre aos seus e nossos domínios. O velho solar lusitano orgulha-se de ser conhecido por *Terra de Santa Maria*. No começo das Conquistas, criámos a invocação de Santa Maria de África. No decurso dos Descobrimentos, quando se avistava uma ilha ou enseada em dias de festa da Virgem, logo era ofertada a Santa Maria. E a quantos povos não ensinamos este nome, desde os sertões do Brasil às ilhas do Extremo Oriente! Entre os vestígios da nossa evangelização no século XVI, os missionários modernos encontraram, ao entrar no Japão, duas palavras que ainda se diziam em português: *Santa Maria!*

Permiti, Senhora, que elas fiquem inscritas na primeira página deste trabalho, tais como ressoam no mais profundo da história e da tradição portuguesa. Rainha e Padroeira nossa, que tendes nos lábios deste povo tantos títulos que enaltecem a vossa glória e traduzem o nosso amor, ao acordar as vozes que vos cantaram na procissão dos séculos, a nossa ladainha começa como a da Igreja: *Santa Maria!*

O Mistério das Origens

Para abrangermos em relevo a história do culto de Nossa Senhora em Portugal, podemos, na verdade, imaginá-la a modo de procissão que se vai desenrolando através dos tempos e incorporando tudo quanto de belo e nobre floresceu neste recanto da Península.

Ficam para além do horizonte histórico as primeiras figuras do devoto cortejo. É a lenda que pretende identificá-las desde a idade apostólica, pondo à frente S. Tiago Maior. Na sua viagem de evangelização pela Hispânia, o Apóstolo deteve-se algum tempo em Saragoça e, uma noite, estando a rezar na margem do Ebro, foi favorecido com a aparição de Nossa Senhora, então ainda viva, a pedir que lhe erguesse um altar. Apressou-se S. Tiago a cumprir os desejos da Virgem. Auxiliado por alguns discípulos, dedicou-lhe um oratório, a que sucedeu, no volver dos tempos, o «amplo e augusto templo» do Pilar. Os próprios anjos colaboraram na obra, trazendo do céu a coluna de mármore que serve de pedestal à imagem da Senhora. Assim o refere, como se lê nos breviários de Espanha, «uma piedosa e antiga tradição». Infelizmente, esta tradição, ainda menos consistente que a



Nossa Senhora da Oliveira, no pórtico da Colegiada

da vinda de S. Tiago, não pode abonar-se com quaisquer documentos históricos. Passou ignorada ao poeta Prudêncio, natural de Saragoça, que cantou o heroísmo dos seus mártires. Não alude a ela o bispo S. Bráulio, que tanto celebrou as glórias da cidade, nem Santo Ildefonso de Toledo, que compôs um tratado da Virgindade de Maria. Enfim, é desconhecida nos monumentos da antiga Liturgia hispânica.

A tradição escrita da Virgem do Pilar não vai além dos séculos XIII ou XIV. É um esforço da pidade medieval para desvendar, a respeito do culto de Nossa Senhora, o mistério que costuma pairar sobre a origem de todas as coisas.

Reflexo dessa lenda em Portugal é o que se conta da imagem de Nossa Senhora da Oliveira. Na sua passagem pelo Ocidente, S. Tiago teria encontrado, nas terras onde havia de formar-se a vila de Guimarães, um santuário pago dedi-

cado à deusa Ceres. Purificou-o do culto idólatrico e consagrou-o aos mistérios cristãos, erguendo nele um altar com a imagem da Virgem. Quando sobreveio a invasão dos bárbaros, escondeu-se a imagem num monte sobranceiro ao templo e que ainda hoje se chama de Santa Maria. Depois da conversão dos Suevos, voltou ela à primitiva morada e aí esteve em grande veneração até que, no século X, a Condessa Mumadona a transportou para a igreja do mosteiro que edificou em sua honra.

Há uma verdade oculta na bruma destas lendas. O culto da Virgem Santíssima veio-nos com os primeiros discípulos do Evangelho que percorreram os caminhos ibéricos e as estradas romanas. A alma hispânica foi devota de Santa Maria, desde que conheceu e amou o seu Divino Filho, Jesus.

P.^o Miguel d'Oliveira

É TRADIÇÃO CONSTANTE que D. Afonso Henriques nasceu em Guimarães e foi baptizado na igreja de S. Miguel. A primeira memória histórica da sua vida é, todavia, o ter-se armado a si próprio cavaleiro, na catedral de Samora, cerca dos 14 anos de idade. Feita a costumada vigília e as preces do ritual, diz a *Chronica Gothorum* que o infante se aproximou do altar de S. Salvador sobre o qual estavam colocadas as armas e se cingiu com elas por sua mão, como costumavam fazer os reis. Estava-se no domingo do Pentecostes (17 de Maio) do ano de 1125.

A *Chronica* traça-lhe em seguida o mais vivo elogio: — Quem poderá falar dignamente de tão inclito varão? Homem denodado em armas, gigante de corpo, espírito esclarecido, presença gentil, católico fidelíssimo, devotado à Igreja — protegeu todo o Portugal com a

D. AFONSO HENRIQUES e o «Milagre de Cárquere»

sua espada e fez dele um reino. O Senhor confiou-lhe a missão de dilatar os domínios da Fé e auxiliou-o em todas as empresas, dando-lhe sempre vitória sobre os seus inimigos.

A piedade dos portugueses não se conformou com o silêncio dos documentos acerca da infância do seu primeiro rei e cercou-o, desde o berço, de uma auréola de milagre. Diz a lenda que ele nasceu com as pernas encolhidas, «tolheito em guisa que todos diziam que nunca guareceria nem seria para homem». Egas Monis tomou-o a seu cuidado «confiando em Deus que lhe poderia dar saúde». Quando o menino chegou à idade de cinco anos. Santa Maria apareceu uma noite, em visão, ao fiel aio e disse: — «Dom Egas

Monis, dormes? — Senhora, disse ele, e quem sois vós? ela disse — Eu sou a virgem que mando que vás a tal lugar... (E deu os sinais dele e disse): Cava em aquele lugar e acharás uma igreja que em outro tempo foi começada em meu nome, e uma imagem minha, e correge a imagem minha que é feita em meu nome e à minha honra. E como isto for feito, farás aí a vigília e porão o menino sobre o altar, e sabe que será são e guarido, e faz-o bem guardar, que o meu Filho quer por ele destruir os inimigos da fé». Cumpriu Egas monis o que lhe mandou a Senhora, «e prouve à Virgem Maria e ao seu bento Filho que o moço foi guarido e são». Em memória do milagre, ergueu-se nessa igreja o mosteiro de

ALJUBARROTA

la travar-se a luta heróica e desigual... As hostes de Castela, em núm'ro colossal, Zombavam contemplando a gente portuguesa, Ansiosa por lutar, sedenta de grandeza. As nossas legiões formaram-se em quadrado, Ao toque dos clarins, vibrante, desesp'rado... Nun'Alvares Pereira, o grande Condestável, Intrépido na luta, em fé inabalável, Alma de Portugal, terror do Inimigo, Corria as legiões, soltando um dito amigo, Um palavra ardente, um grito de constança, A levantar a fé, a conservar a esp'rança, A todos prometendo um galardão de glória, A todos inspirando a crença na Vitória.

ESTÁ HE AFIGURADO CONDE ESTABRE, AO NATURAL, QUANDO ESTAVA EM RELIGIÃO, NO CARMO DE LINHOA, ONDE IAZ.



Lutando na vanguarda, intrépidos soldados, Falange gloriosa, Ala de Namorados, Tinham op'rado já prodígios de valor; E as hostes de Castela, imersas em pavor, Começam a falhar, aos poucos recuando... Tudo corria bem, por Deus! Eis senão quando A gente portuguesa a sorte enfim adversa, Protege o Castelhana e, em confusão imersa, Ela recua e dobra, oscila e treme e hesita... Nun'Alvares, porém, (ó Fé grande, inaudita!) Ao ver as legiões, de esp'rança quebrantada, Sente sua alma nobre e heróica, revoltada... E os feitos memorando, a luta sem igual, Que tornou glorioso e livre Portugal, Uma sublime ideia a mente lhe ilumina, E corre a suplicar a protecção divina Da Virgem d'Assunção, a Mãe do Nosso Amor, Por que de nós arrede a fúria do invasor... Não vê a Lusa Gente o Ilustre Comandante; Reinam medo e pavor, mas eis que num instante, Entre nuvens de pó 'sporeando o seu corcel, Veloz como uma seta, e surgindo em tropel No bloco da refrega, o Santo Condestável, Com denodo imortal e brio inegalável, Atrai os esquadrões ao mais veroz da luta. Por Deus e por São Jorge! Em breve a força bruta Domina a invasor, as hostes desbarata. E, sempre perseguindo, esmaga e fere e mata...

Fora grande o despojo e, coberto de glória, Mais uma vez ainda, ao vento da Vitória, O imortal pendão das Quinas Lusitanas Dominou, glorioso, as hostes castelhanas. E João Primeiro, o português de lei, Firmou na frente augusta, a coroa de rei.

Heróis d'Aljubarrota! O' Mártir's que, na História, Eu vejo de semblante a refulgir de glória, Como é grande o 'splendor do vosso heroísmo, Gravado em letras de ouro e 'strofes de civismo! Nun'Alvares Pereira, heróico legionário, Dum mundo mais feliz ardente visionário, Como é sublime e nobre o ex.emplo que nos dá, Ou no burel do monge ou no guerreiro audaz! Aos galardões da terra, às suas honrarias, A's grandezas do mundo, às suas alegrias, A um nome de glória excelsa e imortal, Ardendo em Fé e Amor por Deus, por Portugal, (Sublime abnegação! Sublime sentimento!) Preferir a clausura austera dum convento, E rir dos sonhos vãos, ao vendaval desfeitos... Sublime a Religião, que inspira destes feitos...

T. Mendes Simões

A pintura assuncionista

A HISTÓRIA do dogma da Assunção, na pintura, sofreu a mesma evolução que na oratória e pode dizer-se que o sentido dessa evolução foi da tendência moral para a encomiástica.

Começando pelos artistas bizantinos parece que a sua primeira intenção foi a de catequizar. De facto, os mosaicos não são mais que a interpretação plástica da tradição, no que se referia à morte de Nossa Senhora. É pois a preocupação moral de expor aos cristãos as virtudes de que a Virgem daria exemplo nos momentos da sua morte.

A «Dormição», prescindindo quase da Assunção propriamente dita, é assim, o primeiro passo na evolução da pintura assuncionista.

Esta tendência moral não destruiu a beleza, antes fez com que os mosaicos bizantinos sejam a realização duma arte pura, ingénua e cheia de novidade. Há nesses certo ar de

carinho e de amor filial a Maria, que não se encontram nas pinturas posteriores. Os cristãos primitivos não concebiam a Mãe de Deus isolada dos homens; sentiam-na ainda muito próxima; por isso a «dormição» é alguma coisa de comum. Os Apóstolos acordem, com o rosto cheio de saudades; Jesus Cristo, tomando nas mãos a alma pura de sua Mãe, parece mostrá-la a todos como modelo. Através do rosto sereno da Virgem, das feições rudes dos Apóstolos, do hieratismo dos Anjos, aparece sempre a surpresa comovida da criança que pela primeira vez toma contacto com o mistério.

A estrutura da composição, consistia sobretudo, no plano inferior do leito mortuário da Virgem, rodeado dos Apóstolos, tendo como fundo Jesus Cristo e uma auréola de Anjos. Alguma vez, os Apóstolos, acorrem pelo ar, miraculosamente, trazido cada um por

sua nuvem. Ao alto a Senhora sobe, triunfante ao céu.

Mais tarde, porém, os primitivos italianos suprimem a «dormição» propriamente dita, e deixam simplesmente a reminiscência do túmulo vazio e dos Apóstolos surpresos, enquanto a arte dos pintores do «quatrocentos» italiano, como o feliz êxito das tendências bizantinas, e já o começo do encomiástico barroco.

E' deste segundo plano sobreposto que os barrocos tirarão todo o efeito para os seus quadros. Podemos, pois, considerar a arte dos pintores do «quatrocentos» italiano, como o feliz êxito das tendências bizantinas, e já o começo do encomiástico barroco.

Alguns artistas como Fra Angélico, representaram apenas a Coroação, mas num êxtase infinitamente calmo de triunfo interior; contudo, o maior número segue na tradição dos dois planos sobrepostos, de entre esses pintores, pode apresentar-se posteriormente, como lídimo representante, Perugino, que, já em pleno Renascimento, nos deixou um dos quadros mais belos sobre a Assunção. É a serenidade repousada e harmoniosa do mais puro classicismo que ainda se conserva fiel à apoloquia das virtudes de Nossa Senhora. A atitude humilde de Maria Santíssima, mesmo quando é coroada por seu Filho ou pelo eterno Pai, parece ser a continuação da resposta à Anunciação do Anjo: «eis a escrava do Senhor». Ou então o comentário ao versículo do Salmo: «toda a glória da filha do Rei lhe vem do interior». Com Rafael continua ainda o predomínio do moral, salientando-se as virtudes da Virgem, e a piedade dos Apóstolos que no plano inferior, se reúnem à volta do túmulo. Com Júlio Romano, pintor da batalha da Ponte Milvio, desapparece a serenidade calma dos Apóstolos; e por fim, Ticiano vem transformar o êxtase da Virgem, aliás bellissimo, em

(De Fatima Altar do Mundo)

(Continua na pág. 6)

Tribuna dum Galeno

AINDA AS GUALTERIANAS!...

QUEM não conhece estas Festas ruidosas num dos mais lindos e encantadores recantos do Minho — Guimarães?!

Gualterianas é nome que se diz, de Festas atraentes de colorido, vibração e alegria, conhecidas em Portugal de lés a lés e muito além fronteiras principalmente em Espanha e Brasil.

Viram? Colheram impressões?...

Desde aquele cenário ruidoso, barulhento, com diversos atractivos e divertimentos no Largo da República do Brasil discretamente ornamentado à minhota, tendo ao fundo a Igreja dos Santos Passos, belamente contornada de lâmpadas, que lhe davam aspecto imponente, até às touradas, aos concertos pela Banda Nacional Republicana de Lisboa e aos não menos distintos agrupamentos musicais do nosso concelho, e ainda as iluminações e decorações primorosas, como se não vê iguais noutras terras, renovadas todos os anos com gosto requintado, não esquecendo ainda e finalmente o fogo de artifício e a inigualável Marcha Gualteriana, tudo era beleza, encanto e sedução!

Que rico cenário aquele do Largo da República do Brasil, com o Templo dos Santos Passos profusamente iluminado, quando surgiu o fogo nocturno

A pintura assuncionista

(Continuação da pág. 5)

contemplação triunfal e apoteótica. Devemos, ainda, chamar a atenção para Velazquez, que, pela sobriedade do conjunto e interioridade da Virgem, nos deixou uma obra que, em pleno barroco, continua a piedade dos primitivos.

A tentação do encomiástico e da apoteose, desacompanhados da humildade e do espírito interior, depressa fascinou os artistas. Buscaram-se de preferência posições complicadas e instáveis, rostos dados de escorço, cachos triunfais de anjos em aclamações; começou a primazia de encomiástico sobre o moral, perdendo-se em profundidade e vida interior.

E assim, guiados, entre outros, por Caracci, Domenichino e Pozzi, chegamos ao deslumbramento apoteótico da Igreja da Assunta de Vercelli, onde numa cúpula de 20 metros de alto por 9,5 de diâmetro, 140 estátuas e 514 Anjos aclamam Maria, que sobe, inundada em gozo, para o abraço eterno de Deus.

É interessante notar-se o paralelismo com a pintura que se deu na oratória assuncionista. Ao princípio, insistem os pregadores, dominados pela tradição da dormição da Senhora, na doutrina do mistério e nas virtudes de Maria. A pouco e pouco, o segundo plano, encomiástico, começa a ganhar relevo, até que, como na pintura barroca, desaparece a dormição e o túmulo, para só ficar a apoteose da Mãe de Deus. Os pregadores deram-se a descrevê-la com todos os pormenores, e algum há que, na primeira parte do sermão, descreve a carroça triunfal, na segunda, os arcos de triunfo, e na terceira, os vivos e aclamações dos bemaventurados.

Cada época celebrou, assim, a Virgem Santíssima com sua voz própria; e felizes de nós a quem coube a dita de a aclamarmos na definição dogmática do seu triunfo sobre a morte.

Manuel Marques

iluminando a montanha da Penha!

Não tem descrição possível as formas caprichosas de aspecto e colorido do fogo de artifício minhoto mexendo-se no espaço, ora depressa, ora devagar, aos Zigue-Zagues, a rabiar, ora abrindo no ar em leque numa coloração única que depressa se transforma nas diversas cores do arco-iris, ora caindo em catadupas de miríades de estrelas cintilantes, a estrelarjar!

E o fogo preso a mexer-se em dança macabra, tomando aspectos bizarros e acabando por tudo estojar e queimar de ponta a ponta!

Prazer e alegria, encanto e sedução!

Depois são as ornamentações das diversas praças e ruas principais, primando pelo bom gosto e sabor original o Jardim Público, o Toural e a Rua da Rainha D. Maria II.

O Jardim Público era um sonho com aquela abóbada celestial de luzes e flores, os panos de fundo, o coreto e os efeitos sem par a circundar o largo, emprestando-lhe suavidade de gosto que nos deixava perplexos e ao mesmo tempo nos empolgava!

E por fim a Marcha Gualteriana, número sem imitação possível, que trouxe a Guimarães milhares de pessoas que deliravam com a grandiosidade, aparato, luxo e cor desse fantástico cortejo alegórico.

E fica-se a pensar na imaginação bizarra, nas ideias deslumbrantes, no poder do feticção de tais cérebros que vão buscar tudo, o real e o fantasma, a que emprestam graça, imprimem cor e dão movimento!

E' indescritível semelhante cortejo, que fez vibrar os corações mais sensíveis, ora nos despertando o riso, ora nos empolgando!

Vimos rir, chorar, bater palmas, saltar, delirar!...

Quem viu à 10 anos ficou admirado!

Quem nunca viu... ficou maravilhado!

Ainda não receberam a consagração devida os rapazes do comércio e toda a comissão que preside à orientação e criação de tão empolgante cortejo que domina as multidões e torna Guimarães pequeno para acolher os forasteiros que aqui vêm, de ano a ano mais, para apreciarem a Marcha Gualteriana.

E' justo tecer-lhes os nossos louvores. O carinho, a atenção, a imaginação desde o grotesco ao belo e empolgante, ao luxuoso e artístico, o sacrifício, o trabalho extenuante sem a mais leve compensação desses bravos rapazes que levam a público todos os anos tão imponente cortejo, merece de todos os vimezanenses uma homenagem condigna para que continuem, sem esmorecimentos e com o mesmo entusiasmo, a dedicar-se a esse número das Festas que só por si enche o cartaz das Gualterianas...

J. S. L.

A Loção "MIN-HOR"

Conserva a juventude do cabelo; não o deixa embranquecer — e a quem tenha o cabelo grisalho ou branco em 10 ou 15 dias a loção «MIN-HOR» restitui-lhe a cor que tinha dantes. E' inofensiva.

Vende-se na

FARMÁCIA «HORUS»
GUIMARÃES 235

Comemoração patriótica

Celebrou-se ontem com todo o esplendor litúrgico e por iniciativa da Câmara Municipal, a comemoração patriótica da *Batalha de Aljubarrota* que tem por cenário grandioso o templo da Colegiada e o padrão histórico da Batalha do Salado, junto do qual e na presença das Autoridades e de muitas pessoas de representação, colégios, escolas, instituições económicas, corporativas, etc., foi celebrada Missa Campal por S. Ex.ª Rev.ªm Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, Bispo da Guarda. Ao evangelho pregou, proferindo notável discurso alusivo à comemoração do 14 de Agosto, o rev. P.ª José Bacelar, S. J. da Faculdade Pontifícia de Braga, que desenvolveu o seu tema com muita erudição.

O Largo, durante a imponente cerimónia, apresentou um aspecto festivo, vendo-se as casas embandeiradas e ostentando colgaduras de damasco. Repicaram festivamente os sinos do templo de Santa Maria da Oliveira e muita gente acorreu ao espaçoso largo para tomar parte, respeitosamente, na tradicional solemnidade que, como nos demais anos, se fez a expensas do Município.

A cidade encontra-se ornamentada com bandeiras das cores nacionais e da cidade. Apresenta um aspecto de muita beleza, tendo havido ontem à noite iluminações nos prédios, incluindo os edifícios públicos.

Hoje haverá às 11 horas no templo de Santa Maria da Oliveira soleníssimo Te-Deum, precedido de Missa rezada, oficiando S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, realizando-se às 18 horas a imponente Procissão da Padroeira que deve ser grandiosa. Com estes actos religiosos rematarão, com todo o luzimento, as comemorações do Milenário de Guimarães e do 1.º Centenário da sua elevação a cidade, inauguradas com tanto esplendor pelo Snr. Presidente da República em 22 de Junho.

No meu Cantinho

Terça-feira, dia 11.

De 1 a 4, deste Agosto abraçador, devorei, li, relanceei, gulosamente, encantadoramente, maravilhosamente, as 304 páginas do grosso e largo volume «Administração Seiscentista do Município Vimezanense».

E' a Coroa de Glória do meu Alberto!

Apurou-se-lhe, ainda mais, o Belo Estilo.

Ficou bem superior ao do Aquilino.

Onde é que o meu Torquato é mais Poeta?

Nas suas *Aleluias*, ou no recente *Retábulo*?

Eu penso que Este venceu Aquelas.

O Ler dá muito que ler.

Saiu agora o número 17.

Traz o «Madrigal de Salamanca» de Luís de Almeida Braga.

Que Poema tão doce e tão alto!

E' a Melhor Peça de todos os números publicados.

Dois Marotões que são, o Delfim e mais eu: ambos a desejar a Morte Súbita!

GERESINO

CARTA A UMA SENHORA

MINHA SENHORA:

Escrevo-lhe quase na véspera do encerramento das Comemorações do Milenário da Fundação de Guimarães e julgo não me enganar de lhe afirmar que serão encerradas muito condignamente ou, então, que fecharão com autêntica chave de ouro. Por mim, que já conheço o patriotismo e o bairrismo dos Vimezanenses, estou convencido de que assim sucederá, mas quanto a V. Ex.ª, que, por certo, não conhece, como eu, a índole deste bom povo, talvez só depois de ver se poderá convencer. Não é de estranhar que no seu espírito se encontre essa lógica expectativa, visto que assim costumam proceder todas as pessoas que não gostam de *trocar o ver pelo ouvir*. Por isso, minha Senhora, nem eu nem ninguém a poderá censurar por ser prudente e sensata nas suas manifestações exteriores e, portanto, na sua forma de ser e de apreciar.

Porém, se já tiver conhecimento do programa das solemnidades que nesta cidade se vão realizar nos dias 14 e 15 do mês corrente, com certeza que não lhe oferecerá a menor dúvida a minha afirmação, isto é, que o Milenário do Burgo Vimezanense ficará assinalado na História desta Terra com demonstrações de vibrante exortação bairrista e de oportunas e clarividentes demonstrações de luminosa Fé patriótica, assim como de nobre e sublime exemplo das muitas e variadas actividades de que dispõe a respectiva população. Aqui, minha Senhora, onde se cultiva o preito da tradição, aumenta-se, por outro lado, o potencial dinâmico do labor quotidiano e tudo isso concorre para que os Vimezanenses se julguem no direito de serem tratados com a justiça que lhes deve ser feita, no sentido de receberem recompensas merecidas e não de mendigarem esmolas que seriam vergonhosas e deprimentes para o seu passado. Mas, minha Senhora, como não a quero importunár mais, apenas lhe peço que me desculpe mais este rosário de considerações, em cada mistério do qual nós poderemos contemplar a Fé e a Esperança que nos proporciona o infalível conceito popular — «*Querer é poder*»!

De V. Ex.ª cr.º ven.ºr obr.º
Agosto de 1953.

EDOLACA ESMALTE QUE MARCA

Agente: Dominhos Cosme Baptista Vieira

Depositários: João Garcia & C.ª, L.ª da Guimarães

Porto — Mário Costa & C.ª, L.ª — Lisboa

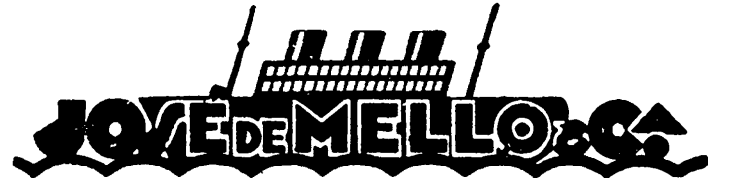
PARA **RECLAMOS LUMINOSOS**
CONSULTE A
NEOLUX, L.ª

RUA DA TORRINHA, 154-156

TELEF. { 23.477 (PPC)
28.689

PORTO

Agentes Transitários e Camionistas
Encarrega-se do desembaraço de mercadorias,
por Exportação e Importação.
Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828.

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Allândega n.º 67 — PORTO
com Armazém de Retem e Depósitos

(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Colégio Dublin || PARA MENINAS BRAGA

TELEFONE, 2347

CURSO PRIMÁRIO, LICEAL E CONSERVATÓRIO DE MÚSICA
LAVORES FEMININOS E ARTE APLICADA
ESTÁ ABERTA A INSCRIÇÃO
REABRE NO PRÓXIMO OUTUBRO

Prensas para lagares
Arcos de ferro
Ferro e chapa de ferro
Arames e chapa zincada
Tintas e vernizes

Aos melhores preços

MÁRIO MATOS

Rua da Rainha, 139-143

TELEF. 40340

GUIMARÃES

MOTORES ELÉCTRICOS

Especiais para TEARES



GARANTEM LUBRIFICAÇÃO PERFEITA

Agente Distribuidor Exclusivo
T. MENDES SIMÕES
Stand n.º 2 — Av. Conde Margeride — Telef. 4227
GUIMARÃES

GRUPOS ELECTRO-BOMBAS

CASA CASSELS

191 — Rua Mouzinho da Silveira — PORTO

FOGOS de Viana do Castelo

DE

José António de Castro & Irmão

TELEFONE 2590

OS PRIMEIROS NO GÊNERO
OS MAIS PREMIADOS

Os únicos que têm

A DUPLA MEDALHA DE MERITO INDUSTRIAL

Queima os seus fogos na noite de 14 de Agosto, para encerramento
das festas do Milenário e Centenário de Guimarães

HOMANN



ARMAZENS
439, R. Fernandes Tomaz, 449

Escritórios
(mesmo edifício)

166, R. da Alegria, 170

TELEFONES
Gerência 23534

Armazens e Escritórios
20241 - 20242 - 20243 P.P.C.

Telegramas NASCOR

UMA MARAVILHA DA TÉCNICA ALEMÃ
DOIS ANOS DE GARANTIA
DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL

J. Nascimento Cordeiro

439 - RUA FERNANDES TOMAZ 449 - PORTO
Armazenista e importador de materiais eléctricos

PORTO

AGENCIA OFICIAL EM GUIMARÃES

BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.ª L.ª

FILIAIS

Rua de Santo António
TEL. 40.498

Largo 28 de Maio
TEL. 4141

Fábrica de Pentes do Ribeirinho, L.ª

CASA FUNDADA EM 1905

TELEFONE 4137 — — — APARTADO 7

GUIMARÃES
PORTUGAL

Pentes e adornos para o cabelo
Brinquedos e novidades em plástico

Sempre por bom caminho temos conseguido honrar a Indústria Portuguesa

Agente em Lisboa:

Reynaldo R. Castro Gomes & C.º
Rua dos Correeiros, 174 - 2.º

no Porto:

João Costa
Largo de S. Domingos. 68 - 1.º

em Coimbra:

Lino Saraiva Curado
R. Ferreira Borges, 114

Fábrica de Tecidos Moreirense, L.ª

Moreira de Cónegos

TELEFONE 48227



TECIDOS DE AL GODÃO E SEDA

FÁBRICA
DE
CUTELARIAS

d. J. Carvalho & C.ª L.ª

= SANDE =
CALDAS DAS TAIPAS

PORTUGAL — TELEFONE 4725

Pensionato



Internato Municipal Anexo ao Liceu de Guimarães
(Propriedade da Câmara Municipal)

OS ALUNOS FREQUENTAM O LICEU,
NO MESMO EDIFÍCIO.

Regime de Internato e Liceal.
Educação Cívica e Religiosa Cuidada.

Prazo legal de matrícula no Liceu, até 20 de Agosto

PENSÃO ANUAL, 4.000\$00

Peçam informes ao Director: P.º José Carlos Simões Valoso da Almeida

Empresa Auto-Guimarães

DE

João Carlos Soares

Escritório: — Rua Paio Galvão - Stand N.º 8 Garagem: — Avenida Conde de Margaride
TELEFONE: 4458 PPG — GUIMARÃES

CARREIRAS DIARIAS entre } GUIMARÃES }
BRAGA }
FAFE }
PÓVOA DE VARZIM }
FAMALICÃO }

Horário a vigorar a partir do dia 10 de Agosto na Carreira GUIMARÃES — BRAGA

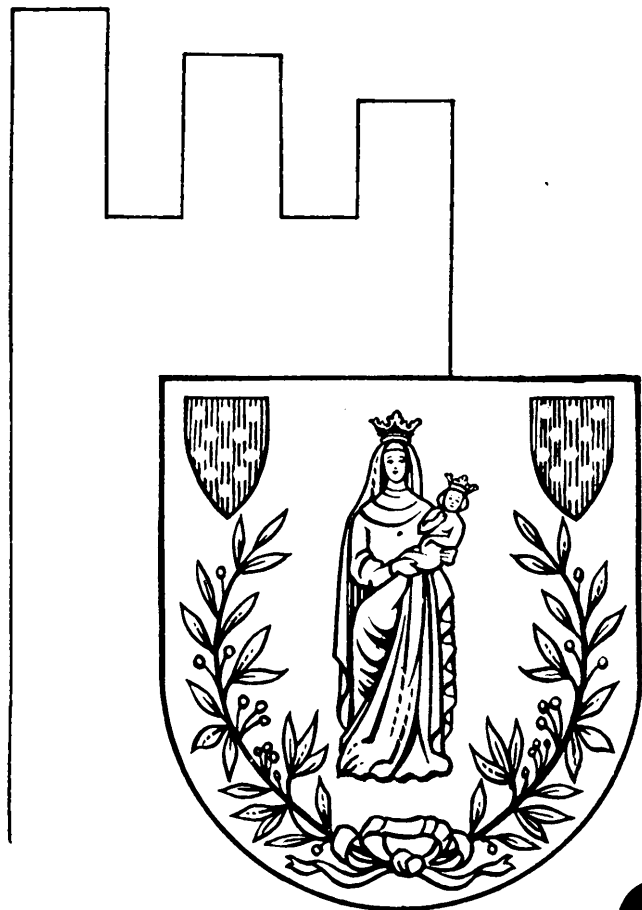
Partida de Guimarães

8, (b)
12,45 (a)
21, (c)

Partida de Braga

11,45 (b)
16, (a)
23, (c)

(a) Diária
(b) Só às Terças-feiras.
(c) Diária de 1 de Julho a 30 de Setembro.



GUIMARÃES:

— ORIGEM DA

NAÇÃO



SACOR
Trabalho da Nação
Para a Economia da Nação